

# **A EDUCAÇÃO FÍSICA NAS ESCOLAS DE BOA VISTA-RR: CONTEÚDOS E TEMÁTICAS ADOTADAS PELOS SEUS ATORES SOCIAIS**

FLÁVIA KAINÉ PEREIRA ALVES

LUANA SOUSA DO AMARAL

ALEXANDER BARREIROS CARDOSO BOMFIM

Grupo de Estudos e Pesquisa em Práticas Pedagógicas da Educação Física Escolar do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima – IFRR, Boa Vista, RR, Brasil.  
gepef@ifrr.edu.br

## **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Hoje parece existir um senso comum relacionando à prática continuada de atividades físicas com a saúde (Paffenbarger et al 1986, ACSM 1993, SBME 1999, Liao et al 2000, Bernardes et al 2003, Pieron 2004, Brown et al 2004). Esses autores enfatizam que a atividade física orientada proporciona uma melhora da saúde, um aumento da expectativa e da qualidade de vida.

Embora possa se reconhecer que tais estudos sejam conclusivos e norteadores, outros autores começam a questionar tal paradigma. Um conceito para “promoção da saúde” proposto por Powell et al (1991, apud Palma, Estevão e Bagrichevsky 2003, p. 27) seria “a combinação de assistência educacional e ambiental, que encorajam comportamentos ou ações, as quais conduzem à saúde”, em modelos que abrangem conteúdos sócio-políticos, ecológicos, sócio-culturais e demográficos.

Desta forma, faz-se necessária uma política governamental de confronto às ações mercadológicas da venda de saúde, proposta por alimentos, medicamentos e tratamentos corporais onde se objetivam a estética e o consumo. Neste cenário, a escola e o professor de educação física (PEF) têm um papel fundamental, fazendo com que despertem no cidadão todas as possibilidades do movimento humano além de adotar uma postura crítica aos valores de uma sociedade capitalista.

Assim, algumas características do professor são fundamentais para que possa incentivar seus alunos à prática de atividades físicas. Gouveia (1997) acredita que “sua personalidade, sua aparência, naturalidade, dinamismo, entusiasmo pelo trabalho, humor, cordialidade e disposição” são importantes fatores motivacionais, observados por quem os cerca. O autor cita, também, que uma das funções do PEF quando deseja motivar seus alunos para uma prática permanente em esportes é fazer o possível para que eles criem valores positivos e atraentes, sem se esquecer de observar os objetivos educacionais. Além disso, o conhecimento técnico-científico do professor tende a influenciar a manutenção e a perseverança ao exercício físico. De acordo com Berger e McInman (1993), “indivíduos que receberam pouca atenção do corpo técnico tendem a desistir duas vezes mais que os indivíduos que receberam elevada atenção”, que num contexto escolar pode gerar o esvaziamento das aulas, em contraponto com as academias de ginástica, escolinhas de esportes, dentre outras reuniões sociais que cada vez mais aumentam o seu público.

Embora seja compulsória a oferta da disciplina educação física nas escolas, ainda é precária a participação dos alunos (Guedes e Guedes, 1997 e 2001, Carvalho, Miliano e Bomfim, 2009). Os conteúdos adotados pelas escolas parecem ainda não contemplar os anseios da população escolar que buscam em outros locais sua prática de exercícios.

Neste estudo, buscamos identificar os conteúdos e temáticas desenvolvidas pelos PEF nas escolas de Educação Básica do município de Boa Vista, Roraima. Teve a intenção de encontrar respostas às seguintes questões problematizadoras:

1. Como são compostas as aulas?
2. Quais os objetivos elencados pelos professores perante as aulas observadas?

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Nos últimos anos, as pesquisas em educação e em ciências sociais vêm registrando a discussão sobre os modelos quantitativos e qualitativos (Santos Filho e Gamboa, 1995). Minayo (1994, p. 14) corrobora com esta assertiva quando acrescenta que no campo educacional “a realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante”, o que sugere os métodos qualitativos para abordar tais temas.

Para o desenvolvimento do estudo foram selecionados de forma proposital, 23 (vinte e três) escolas, nestas 30 (trinta) docentes, de ambos os sexos com idades entre 20 e 50 anos ( $X=30,03\pm 8,57$  anos), todos voluntários. Suas aulas foram observadas pelos pesquisadores que, em instrumento próprio, um *scouth*, avaliou a dinâmica dos procedimentos adotados pelos professores durante as aulas e o tempo dispensado nelas. Nesta, o pesquisador é classificado como observador total, que para Lüdke e André (1986), caracteriza-se pelo investigador não interagir com o grupo pesquisado, onde não estabelece relações com o grupo.

Uma entrevista individual com perguntas fechadas e respostas abertas foi utilizada, buscando identificar os objetivos das aulas ministradas. Os dados do *scouth* e dos conteúdos da entrevista foram tratados pela análise de conteúdo, no método da categorização (Bardin, 1977, p. 117), que “é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero, com critérios previamente definidos”.

O convite feito pelo pesquisador e a sua conseqüente concordância e assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foram os critérios para inclusão, correspondendo para Turato (2003, p. 358), como o grupo Concordância em Participar que se define pelo entrevistado estar “de acordo com as cláusulas do termo de consentimento pós-informação para participação em pesquisa”.

Neste estudo optamos por utilizar um instrumento de observação direta, adaptado de estudos propostos por Guedes e Guedes (1997 e 2001), com o objetivo de classificar as atividades desenvolvidas pelos alunos durante as aulas. O pesquisador de posse de um cronômetro LEMER, modelo CD-097, onde registra o tempo em minutos, segundos, décimos e centésimos de segundo, registrou o tempo em cada atividade que, posteriormente foram agrupadas em 6 categorias:

a) Administração/organização e transição das atividades: situações em que os escolares recebiam instruções do professor quanto à disposição, organização e realização das atividades a serem executadas, como: chegada ao local das atividades, divisão das equipes, beber água, espera da bola e armar a rede de voleibol;

b) Exercícios de aptidão física: realização de exercícios físicos que podem promover o desenvolvimento e o aprimoramento dos níveis de aptidão física, categorizados em exercícios aeróbicos, de força/resistência muscular e de flexibilidade, como: alongamento, corridas de curtas distâncias, circuito aeróbico e aquecimento específico para o desenvolvimento do voleibol e/ou do futsal;

c) Jogos de baixa organização e de destrezas motoras: atividades lúdicas estruturadas na forma de conteste que solicitam o envolvimento de regras simplificadas e coordenativas, como: piques, estafetas e brincadeiras cantadas;

d) Atividades esportivas: atividades direcionadas à prática de esportes, categorizadas em fundamentação - aprendizagem, domínio e aperfeiçoamento dos gestos esportivos - e no jogo propriamente, como: salto em distância, competições/jogos treino de voleibol e futsal;

e) Conceitos teóricos: apresentação de informações envolvendo conceitos associados à prática da atividade física relacionada à saúde e a fundamentação sobre regras e o desenvolvimento do esporte, como: regras sobre o movimento do peão no xadrez e a importância dos cuidados com o corpo e as relações com o movimento humano;

f) Livre: atividades em que os escolares desenvolviam durante as aulas que não tinham nenhum acompanhamento e/ou orientação do professor.

A equipe de avaliadores foi composta por três acadêmicos em educação física, supervisionados pelo pesquisador responsável. Os acadêmicos estavam no terceiro ano do curso e foram treinados para a coleta dos dados.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Diante dos questionamentos levantados buscamos, com a intervenção de campo, respondê-los de forma sistemática. Nesta seção, cada questão problematizadora levantada será analisada à luz da literatura especializada e dos dados coletados.

### 1. Como são compostas as aulas?

Com relação à duração das aulas, estas apresentaram uma alta variabilidade, independentemente do ciclo de escolarização ou da rede de ensino, sugerindo que cada escola determinava o tempo de cada turma para as aulas de educação física, variando entre 40 minutos à 1h e 15 minutos. A atividade de “Administração/organização e transição de atividades” teve um tempo médio de pouco mais de dezoito minutos em 26 das 30 aulas observadas. Grande parte deste tempo foi dedicado a explicações dos professores quanto ao desenvolvimento das atividades, principalmente daquelas que não estavam relacionadas aos esportes. Diminuir a complexidade das tarefas a serem desenvolvidas e, no decorrer desta, inserir novas regras poderá diminuir o tempo das explicações o que poderá aumentar o tempo em atividade por parte dos escolares.

Os exercícios de aptidão física como alongamentos e corridas curtas foram observados principalmente antes das atividades esportivas, como o voleibol e o futsal. Em apenas uma aula foi observado o circuito aeróbico como atividade principal. As atividades desta categoria teve um tempo médio de dezoito minutos em apenas 9 aulas.

Jogos como piques, estafetas e brincadeiras cantadas foi a terceira categoria observada com um tempo médio de mais de 24 minutos em dezoito aulas, das 30 observadas. Embora os dados demonstrem que nas séries iniciais (1<sup>o</sup> e 2<sup>o</sup> Ciclos do Ensino Fundamental) o tempo nesta atividade seja maior, ela esteve presente em todos os ciclos da Educação Básica. Este item foi categorizado por “jogos de baixa organização e destrezas motoras”.

Atividades como competições de futsal, voleibol, seus treinamentos e o ensino das técnicas do salto em distância no atletismo, foi categorizada como “atividades esportivas” e obtiveram o tempo médio de 29 minutos, em 10 aulas. Nas observações, o esporte foi tratado como um sentido “restrito” (Bracht, 1982), caracterizado como o conteúdo esportivo pelos treinamentos das capacidades físicas específicas, a competição, o rendimento esportivo, muito próximo do que também cita como o esporte-espetáculo, deixando a margem das orientações uma parcela significativa dos alunos que pouco participavam das aulas. Outro importante dado identificado pelos observadores foi o longo tempo destinado à escolha das equipes, os conflitos para esta seleção e a forma de seu revezamento na quadra. Os dados demonstram que a equipe vencedora sempre permanecia em quadra, reforçando o esporte no sentido restrito, caracterizado por Bracht.

Orientações quanto o desenvolvimento do jogo do xadrez, o movimento executado pelo peão e observações quanto a conduta e a prática de atividades físicas para a manutenção da saúde foram categorizadas como “conceitos teóricos”, observadas pelos pesquisadores em 3 aulas, num tempo médio de 12 minutos. Estas orientações foram executadas com os escolares em uma posição passiva, sem executar qualquer movimento, diminuindo ainda mais as possibilidades de movimento durante as aulas. Zabala (1998) credita a esta dimensão de ensino como procedimental, pois acredita que esteja ligada ao caráter cognitivo do conteúdo, tratando-se de um conjunto de conteúdos destinados a um fim: à prática, em última análise, conteúdos indispensáveis para a prática esportiva ou de atividades para a manutenção da saúde. Os Parâmetros Curriculares Nacionais para a educação física (Brasil, 1998), enfatizam que os conteúdos desta dimensão estejam presentes em todas as modalidades de esporte, dança ou ginástica, sustentam sua existência na medida em que são exercidas por pessoas.

Uma parte significativa de 13 aulas, das trinta observadas, mais de 22 minutos em média, não esteve sob orientação do PEF e foram categorizadas como “livres”. Nelas os alunos poderiam participar dos esportes já iniciados com a presença do professor, realizar tarefas de outras disciplinas nas arquibancadas, dentre outros afazeres sem qualquer relação com a disciplina educação física. A esse respeito Saba (2001, p. 67) afirma que “a prática de exercícios sem a assistência adequada é arriscada e pode levar à desmotivação e, em alguns casos, a lesões”. A TABELA 1 mostra a média do tempo em cada atividade categorizada e o número de aulas em que apareceram.

TABELA 1: Proporção média do tempo de participação dos escolares em cada categoria de atividade específica durante as aulas de educação física

Categoria	Tempo (h:min:seg)	Num. De aulas
A) Administração/organização e transição das atividades	00:18:23	26
B) Exercícios de aptidão física	00:18:00	9
C) Jogos de baixa organização e de destrezas motoras	00:24:23	18
D) Atividades esportivas	00:29:12	10
E) Conceitos teóricos	00:12:40	3
F) Livre	00:22:46	13

## 2. Quais os objetivos elencados pelos professores perante as aulas observadas?

Ao final de cada aula observada, os observadores inquiriam os docentes sobre os objetivos da aula, ora ministrada e estas foram categorizadas da seguinte forma.

Esporte, respondido por 56,7% dos docentes, esta categoria apresentou uma certa inconsistência com os apontamentos dos observadores, haja vista, que as atividades esportivas corresponderam a dez aulas ou 33%. A justificativa que encontramos é que alguns docentes programaram “jogos de baixa organização e de destrezas motoras” como educativos para os esportes e os caracterizavam como tal, sugerindo que, quando classifica o esporte como um sentido amplo possa contemplar tais jogos. Bracht (1999), faz críticas a uma abordagem de educação física que contemple somente o praticismo no movimento humano. Cita que é preciso elucidar o papel desejável da escola em nossa sociedade e isso implica em fazer uma leitura da sociedade em que vivemos, como planejar a sociedade que almejamos. Portanto, de uma teoria para a prática pedagógica em educação física, o “porque” (decisões normativas) não pode ser discutido isoladamente do “como” (questões técnico-metodológicas).

Pouco mais de ¼ dos docentes respondeu que suas aulas tinham um foco determinado a inclusão e/ou socialização dos discentes, sugerindo uma perspectiva para além da prática de exercícios, como o movimento humano pode interagir com a natureza política, social e cultural de uma sociedade em constante transformação (Freire, 1991). Em confronto com as atividades desenvolvidas categorizadas pelos observadores, as aulas com esta temática estavam voltadas para os jogos de baixa complexidade (piques e estafetas), esporte no sentido restrito (jogo de voleibol e futsal) e conceitos teóricos sobre o jogo do xadrez que, na avaliação dos observadores, pouco produziu o efeito desejado diante dos objetivos elencados.

Duas das aulas observadas tinham como tema a psicomotricidade. Com o objetivo de aprimorar a motricidade fina dos discentes, o professor sugeriu a confecção de petecas para posteriormente jogarem, onde os alunos do primeiro ciclo do ensino fundamental desenvolveram com grande entusiasmo. O jogo da peteca é caracterizado como um jogo popular, onde sua característica principal é que possa ser confeccionada com a utilização de materiais de fácil acesso, como “pedaços de madeira, sobras industriais, peças mecânicas desgastadas, invólucros de produtos caseiros e industriais, e outras sucatas disponíveis” (Mello, 1989). Os conceitos psicomotores na educação física foram amplamente difundidos em nossa área, principalmente nas décadas de 1970 e 1980. Nela, a orientação a cerca da educação física está associada a “um instrumento de aprendizagem não o relacionando as

diferentes formas do saber a ser transmitido pela escola” (Bracht, 1999), onde o movimento é considerado como instrumento e não como uma forma de comunicação e expressão de valores, sentimentos e atitudes.

Das trinta aulas observadas, duas os docentes responderam que elas não tinham objetivo. Estas aulas foram livres, sem qualquer orientação dos professores onde os alunos realizaram o esporte no sentido restrito para os meninos, como o jogo de futsal e as meninas jogaram queimada. Existia a possibilidade de estes realizarem tarefas de outras disciplinas ou simplesmente não fazerem nada, esperando o horário de término da educação física. Além da possibilidade de provocar lesões (Saba, 2001), a adoção de tal conduta faz com que os discentes fiquem à margem de uma educação física que, para Betti (1992) é caracterizada como:

Não basta correr ao redor da quadra; é preciso saber porque se está correndo, como correr, quais os benefícios advindos da corrida, qual intensidade, frequência e duração são recomendáveis. Não basta aprender as habilidades motoras básicas do basquetebol; é preciso organizar-se socialmente para jogar, reconhecer as regras como um elemento que torna o jogo possível, aprender a respeitar o adversário como um companheiro e não como um inimigo a ser aniquilado, pois sem ele simplesmente não há jogo... É preciso enfim que o aluno incorpore a corrida e o basquetebol à sua vida para que deles tire o melhor proveito possível. Para isto não basta aprender habilidades motoras e desenvolver capacidades físicas, que evidentemente são necessárias em níveis satisfatórios para que o indivíduo possa usufruir dos padrões e valores que a cultura física nos legou após séculos de civilização, mas não constituem uma condição suficiente. Não basta melhorar a condição física do aluno, é preciso ensiná-lo a construir um programa de condicionamento físico, mesmo porque o professor não estará sempre ao seu lado para dizer-lhe o que fazer. Não basta ensiná-lo a bandeja e a cortada; é preciso prepará-lo para, ao sair da escola, ser um praticante ativo e lúcido, e isto implica em compreender a organização do esporte em nossa sociedade; é preciso prepará-lo para ser um consumidor do esporte espetáculo, o que implica em desenvolver nele uma visão crítica do sistema esportivo profissional. Visualiza-se facilmente, então, até mesmo um conteúdo teórico nos programas de Educação Física.

Com a proposta de melhorar a aptidão física dos discentes, uma das trinta aulas observadas teve este objetivo. Orientados sobre os procedimentos a serem adotados na aula, os alunos realizaram por vinte e cinco minutos um circuito aeróbico com exercícios localizados com o peso do corpo como sobrecarga, alternando com corridas e trotes, atividade que os alunos realizaram com entusiasmo, principalmente os meninos. A TABELA 2 faz a relação dos objetivos citados pelos professores após as aulas observadas.

TABELA 2: Objetivos propostos pelos professores às aulas observadas.

Categoria	Percentual
Esporte (Restrito/Amplio)	56,7%
Integração/Socialização	26,7%
Psicomotricidade	6,7%
Sem Objetivo citado	6,7%
Condicionamento Físico	3,3%

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados encontrados, pode-se concluir que nas escolas de Educação Básica do estado de Roraima o tempo destinado a disciplina educação física apresenta uma grande variabilidade; os docentes perdem um tempo valioso na explicação das atividades a serem desenvolvidas pelos alunos, cuja diminuição da complexidade da tarefa poderá reduzir o tempo com estas orientações. O esporte, num sentido restrito, ainda é um tema recorrente nas aulas de educação física, apesar de toda a complexidade do movimento humano e suas relações com o outro e com a sociedade. Os conteúdos teóricos ainda são temas pouco

freqüentes às aulas apresentando-se de uma forma passiva, sem a ação do corpo em movimento. Um tempo importante das aulas é destinado a temas livres, onde o docente não executa qualquer ação e é facultada a participação dos alunos, o que pode gerar desmotivação à prática de exercícios e um aumento no risco de lesões. De uma forma geral, os dados sugerem que são necessárias modificações nas condutas adotadas pelos PEF, na abordagem do conteúdo de ensino e nas suas metodologias para que possam melhor orientar os discentes a uma prática do movimento humano voltado a formação do cidadão.

## REFERÊNCIAS

- ACSM. **Physical Activity, Physical Fitness and Hypertension**. Med Sci Sports Exer, 25:10, p. i-x, 1993
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BETTI, M. **Ensino de 1º e 2º graus: educação física para quê?** RBCE, v. 13, n. 2, 1992.
- BERGER, B. e McInman, A. Exercise and Quality of Life. In Singer, R. N. & Tennant, L. K. **Handbook of Research in Sport Psychology**. Nova York, McMillan, 1993.
- BERNARDES, C., TWISK, J., MECHELEN, W., SNEL, J. & KEMPER, H. **A Longitudinal Study on Smoking in Relationship to Fitness and Heart Rate Response**. Med. Sci. Sports Exerc., v. 35, nº 5, p. 793-800, 2003.
- BRACHT, V. **Educação física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1982.
- \_\_\_\_\_. **A constituição das teorias pedagógicas da educação física**. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48, p. 69-88, 1999.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BROWN, D., BROWN, R. D., HEATH, G., BALLUZ, L., GILES, W., FORD, E. & MOKDAD, A. **Associations Between Physical Activity Dose and Health-Related Quality of Life**. Med. Sci. Sports Exerc., v. 36, nº 5, p. 890-896, 2004.
- CARVALHO, S., MILIANO, S. e BOMFIM, A. O atletismo na Educação Física Escolar: uma visão dos professores do município de Boa Vista-RR In: 24º Congresso Internacional de Educação Física - FIEP, 2009, Foz do Iguaçu. **The FIEP bulletin**, 2009.
- FREIRE, J. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. 2 ed. Ed. Scipione, São Paulo, 1991.
- GOUVEIA, F. Motivação e Atividade Física. In Machado, A. **Psicologia do Esporte: Temas Emergentes I**. Jundiaí-SP: Ápice, p. 167-187 Cap. IX, 1997.
- GUEDES, J., GUEDES, D. **Características dos programas de educação física escolar**. Rev. paul. Educ. Fís., São Paulo, 11(1):49-62, jan./jun. 1997.
- \_\_\_\_\_. **Esforços físicos nos programas de educação física escolar**. Rev. paul. Educ. Fís., São Paulo, 15(1):33-44, jan./jun. 2001.
- LIAO, Y., MAC GEE, D., CAO, G. e COOPER, R. **Quality of the Last Year of Life of Older Adults: 1986 vs 1993**. JAMA, January 26, v. 283, nº 4, p. 512-518, 2000.
- LÜDKE, M., ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MELLO, A. **Psicomotricidade, educação física e jogos infantis**. São Paulo: IBRASA, 1989.
- MINAYO, M. **Pesquisa Social Teoria, Método e Criatividade**. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- PAFFENBARGER, R. S., HYDE, R. T., WING, A. L. e HISCH, C. C. **Physical Activity, all-cause mortality, and longevity of College alumni**. New Wngland Journal of Medicine. V. 314, p. 605-13, 1986.
- PALMA, A., ESTEVÃO, A. e BAGRICHEVSKY, M. **Considerações Teóricas acerca das Questões Relacionadas à Promoção da Saúde**. In A Saúde em Debate na Educação Física. Blumenau: Edibes, 2003.
- PIERON, M. **Qualidade de Vida – Estilo de Vida, Prática de Atividades Físicas e Esportivas, Qualidade de Vida**. Fitness & Performance, vol. 3 nº 1, p. 10-17, 2004.

SABA, F. **Aderência: à Prática do Exercício Físico em Academias**. São Paulo: Manole, 2001.

SANTOS FILHO, J., GAMBOA, S. **Pesquisa Educacional: quantidade-qualidade**. São Paulo: Cortez, 1995.

SBME **Atividade Física e Saúde (posição oficial)**. *Jornal de Medicina do Exercício*. Jan/Fev/Mar, p. 3-4, 1999

TURATO, E. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção técnico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas**. Petrópolis: Vozes, 2003.

ZABALA, A. **A prática pedagógica: como ensinar**. Art Med. Porto Alegre, 1998.

---

FLÁVIA KAINE PEREIRA ALVES

Endereço: Rua C, nº 296, bairro Caranã, Boa Vista-RR, Brasil, Tel. (95) 3627-3571 / (95) 9126-2392; [flavia\\_kaine@hotmail.com](mailto:flavia_kaine@hotmail.com) / [gepuf@ifrr.edu.br](mailto:gepuf@ifrr.edu.br)

---